

## AS MUITAS VIAS DO ORIENTALISMO

*Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche\**

**Resumo:** O presente ensaio consiste numa discussão de certos tópicos da obra *Orientalismo*, do crítico literário palestino-americano Edward Said, e a maneira pela qual foram tratados na obra *Pelo Amor ao Saber*, do orientalista britânico Robert Irwin.

**Palavras-chave:** Orientalismo, Islã, Mundo Árabe, Preconceito.

**Abstract:** The present essay is a discussion around many topics of *Orientalism*, by the Palestinian-American critic of literature, Edward Said, and how the topics were dealt in *For Lust of knowing*, by the British orientalist Robert Irwin.

**Key words:** Orientalism, Islam, Arabic World, Prejudice

Embora o autor tenha tentado relativizá-lo com elogios à idoneidade da nova geração de orientalistas que surgia na década de setenta do século XX, o efeito final de *Orientalismo*, de Edward Said (São Paulo, Cia. das Letras, 1995) é devastador para a disciplina – conforme ele próprio declararia algum tempo depois, em entrevista ao escritor marroquino de língua francesa Tahar Ben Jelloun. Trata-se, como é evidente, de uma flagrante injustiça para com um *corpus* variado e rico, assim como o seria a negação pura e simples de todo o trabalho brazilianista, por exemplo, ainda que se saiba que nem todos os brazilianistas tenham sido honestos em suas análises.

Reconhecer tal injustiça, contudo, não implica tratar com isenção uma obra como *Pelo Amor ao Saber*, do orientalista e ficcionista britânico Robert Irwin (Rio de Janeiro, Record, 2008), a qual, publicada em 2006, foi recebida como uma espécie de monumento ao saber, e, conforme se patenteia em seu título, uma profissão de fé no conhecimento desinteressado e puro – como se ele fosse plausível. Desqualifica inteiramente o trabalho de Said, chegando a questionar até mesmo a validade das polêmicas que suscitou.

É certo que, na análise de Said, Gramsci e Foucault convivem num improvável conúbio, e que certas petições morais do livro, com seus corolários políticos, são sem dúvida questionáveis; como observou certa vez o poeta iraquiano Khalid al-Maaly, qual seria a diferença prática entre as afirmações de Said e os postulados dos fundamentalistas a respeito do conhecimento sobre o Islã? Ambos garantem, por

\* Professor Livre-Docente da Área de Língua e Literatura Árabe do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

vias transversas, a mesma coisa: é impossível aos não-muçulmanos conhecer o Islã. Apenas os caminhos percorridos são diferentes: para Said, é impossível subtrair-se à rede de interesses prévios que determinam os discursos que se produzem a respeito do “Oriente”, ao passo que, para os fundamentalistas, somente o verdadeiro crente pode conhecer o Islã, o que condena à falsidade prévia todo discurso produzido fora do âmbito do próprio Islã. No fundo, contudo, repita-se que Said converge com o fundamentalismo nesse postulado sobre a impossibilidade de que os orientalistas possam de fato conhecer o Islã ou produzir discursos “desinteressados” (Said) ou “verdadeiros” (fundamentalistas) sobre ele.

Mas retomemos o trabalho de Robert Irwin, cujo título – o *lust* do subtítulo poderia ser traduzido como “luxúria” em vez de “amor” – anuncia exatamente aquela possibilidade que Said nega: a do conhecimento que opera dentro de si mesmo, movido por si próprio, em busca de sua própria pureza. Como a questão é complexa, obviamente, o presente texto se limitará a umas tantas observações:

Irwin lança mão de petições de autoridade para criticar Said, afirmando que existem inúmeros erros em *Orientalismo*, e que Said, talvez por arrogância e auto-suficiência, nunca os corrigiu nas sucessivas reedições de sua obra. De fato, deve-se notar que Said não era do *métier*, e seu trabalho, ao falar de coisas como o “Islã clássico” e sua historiografia, parece bem desajeitado. Mas tampouco Irwin ficou isento, em seu livro, de erros grosseiros. O pior deles foi ter dito que o teólogo Algazel era um dos maiores críticos de Averróis. Isso teria sido impossível, uma vez que Averróis nasceu em 1126, quinze anos após a morte de Algazel, em 1111. Cita-se esse erro crasso não por capricho ou preciosismo, mas apenas para recordar que nenhum arabista sério, por fraco que fosse, deixaria escapar um erro de tal monta. Dispensar-se-ão, por ora, os remoques *à la* de Eça de Queiros.

Embora declare que Said tem razão quanto ao tratamento “infame” dado pela imprensa ocidental, em especial a americana, à questão palestina, Irwin, ao mesmo tempo, inocenta certos autores criticados por Said, os quais, por vias transversas, alimentam esse discurso preconceituoso da imprensa. O caso mais notório é o de Bernard Lewis, que Irwin trata como grande sábio. Lewis, como é consabido, tem dedicado todos os seus esforços para desacreditar e desmoralizar causas inegavelmente justas como as dos palestinos. Irwin finge ignorar esse dado, público, e se põe a defendê-lo e ao seu conhecimento sobre o Oriente Médio e o Mundo Árabe.

Mas não é fundamental apoiar os palestinos para ser um bom orientalista, evidentemente. Nem mesmo os árabes estão cem por cento do lado deles, e Bernard Lewis não merece desqualificações por, especificamente, atacar a causa palestina, mas sim por seu método historiográfico, que é reacionário e de quinta categoria, embora tente passar a impressão de grande sapiência e conhecimento descomunal de línguas.

Para início de conversa, árabe ele não sabe direito, e aqui vamos nos dispensar de citar as zombarias que lhe dirigia o seu discípulo e mais tarde comorço Vatikiotis, egípcio de origem grega cujo árabe era fluente. Lewis **contribuiu** para sedimentar visões **amplamente** equivocadas sobre o Islã, **alimentando-se** dos aspectos mais reacionários dessa cultura e, como contrapartida, **alimentando-os**. Cite-se, a título de exemplo, o caso, aparentemente inócuo, dos califas omíadas, dinastia que governou o Islã por cerca de um século, e que foi desalojada do poder por um movimento insurrecional – talvez seja anacrônico chamá-lo de revolucionário – em meados do século VIII. Lewis repete, em mais de uma obra sua, a ladainha de que toda a posterior historiografia árabe tratou os omíadas com hostilidade, não raro lhes negando o título de califas e chamando-os de “reis”. Nada mais falso e descontextualizado: em consulta a historiadores antigos como al-Tabari, do século IX, Ibn al-Athir, do século XII, e Ibn Kathir, do século XIV, entre outros, não se verifica essa hostilidade tão sistemática, nem se lhes nega o título de califas, embora, devido a circunstâncias históricas derivadas da maneira pela qual ascenderam ao poder, e que são demasiado extensas para descrever aqui, façam-lhes restrições e os critiquem.

Ressalve-se que Lewis não é o único arabista que conhece mal o árabe, o que em si mesmo não seria defeito, somente se constituindo como tal devido ao peculiar cabotinismo sardônico com que aborda os assuntos, dando-se ares de sapiente conhecedor do idioma. De passagem, pode-se afirmar sem medo de equívoco que outros arabistas de outras plagas, como os espanhóis Miguel Asin Palacios e Emilio García Gomez, estudiosos e “tradutores” das letras árabes em Alandalus, não conheciam patavina dessa língua, existindo por detrás de seu labor acadêmico longas, cruéis e por vezes divertidas histórias. Enfim, quem lida com línguas e culturas orientais está em geral bem ciente do *quantum* de mistificação que pode obnubilar esses estudos, motivo pelo qual nenhum estudioso verdadeiramente sério acreditará na anedota relatada por Irwin a respeito do orientalista britânico Hamilton Gibb, que após proferir uma palestra num perfeito “árabe clássico”, em plena Bagdá dos anos cinqüenta, mostrou-se irritado com alguém que lhe perguntou como se diz “automóvel” em árabe. A anedota parece dialética, buscando o efeito do dissídio absoluto entre o conhecimento, por parte de um sábio quase nefelibata, da mistificação a que se dá o nome de “árabe clássico”, e a realidade mezinha, contemporânea e cotidiana que a esse mesmo sábio não causaria senão repugnância e desgosto, numa perfeita aplicação de tópicos antigas que atualizam um cenário mágico não menos antigo, qual seja, o do sábio cujo saber não é deste mundo. Contudo, ninguém que saiba um pouco do tal “árabe clássico” (em Gibb tão perfeito a ponto de, conforme diz a lenda narrada por Irwin, deixar boquiabertos os próprios árabes presentes) é capaz de se deixar enganar por semelhante relato. “Árabe clássico”, registre-se, é um conjunto inteiriço e complexo que conjuga, para além do uso “perfeito” do

vocabulário e da sintaxe, adequação ao contexto e realização fonética, elementos que certamente falhavam nesse orientalista.

Voltando ao método de quinta categoria de Bernard Lewis, principal vilão de Said, nem é mesmo preciso exercer o ofício de historiador para lhe perceber a debilidade: hoje já não se aceitam obras que em pouco mais de duzentas páginas pretendem constituir um relato histórico válido de dois mil anos de civilização num espaço geográfico de milhões de quilômetros quadrados nos quais a variedade humana é imensa, como é o caso do Mundo Árabe e Muçulmano. Em alguns pontos, Lewis opera, basicamente, por acumulação de dados, procedimento no qual residiria a sua erudição, e em seu modo de expô-los, onde se esconderia a sua clareza e ironia (“uma prosa toda cheia de rimas internas”, diz Irwin, numa aparente concessão ao seu outro ofício, atribuindo a Lewis qualidades de mau literato, mas não necessariamente de bom historiador). Mas, primeiro, a acumulação de dados, hoje, é enganosa. Qualquer estudioso minimamente versado em seu tema pode dizer, por exemplo, que determinada personagem histórica é citada nas obras dos autores X, Y e Z nas páginas tais e tais, nas circunstâncias tais e tais, e passar a impressão de vasta erudição, quando na verdade não se fez mais que consultar os índices onomásticos de tais obras. Quanto à clareza de exposição e ironia, podem até existir, mas, para além de não estarem isentos de amplo questionamento, são qualidades em si que não se repassam necessariamente ao objeto do qual ele fala. Ou seja, será estilo, será musicalidade, será o que for, mas não história de boa qualidade ou aceitável por parâmetros contemporâneos.

Uma das postulações de Said que parece incomodar Irwin é a do conhecimento da língua árabe, visivelmente falho nele e, como se disse, em Bernard Lewis. Não que essa seja uma *conditio sine qua non* para o ofício de orientalista, conforme já passou, mas uma crítica histórica com premissas em questões lingüísticas, como faz Bernard Lewis, exige, sim, bom conhecimento do árabe. Irwin acusa Said de criticar Lewis e outros não pelo que escrevem ou por suas posturas em relação à causa palestina, mas sim por não gostarem dele. Trata-se de uma afirmação desonesta, pois é sobejamente conhecida a hostilidade de Lewis e de von Grunebaum a tudo quanto seja árabe contemporâneo. E, ao contrário do que alega Irwin, em *Orientalismo* existem, sim, trechos documentados de desonestidade de vários orientalistas, ou, segundo diz Said, de sua “condescendência”, cujo propósito é degradar o objeto sobre o qual se debruçam.

A exposição que Irwin faz do trabalho de vários orientalistas europeus e americanos é bem curiosa e interessante, lendo-se decerto com prazer, muito embora o conjunto não convença. Em última instância, seus argumentos se centram na subjetividade que empurrou determinado orientalista para as suas pesquisas. Argumenta a favor deles elencando as dificuldades que enfrentaram em seu trabalho, a

hostilidade do meio acadêmico, e a admiração que muitos deles nutriam pelos árabes e pelo Islã. Mas isso não resolve a questão central, qual seja, a qualidade do trabalho, que deveria ser avaliada segundo critérios acadêmicos pré-estabelecidos. Em outros casos, todavia, a avaliação de Irwin é dúbia, tímida. Somente um não-especialista ou um desinteressado, por exemplo, se limitaria a afirmar simplesmente que o *Suplemento aos Dicionários Árabes*, do arabista holandês R. Dozy, do século XIX, “ainda está em uso atualmente”. Ainda está em uso? Trata-se de obra fundamental da lexicografia árabe! E note-se que Dozy não era dos mais simpáticos aos árabes, contra os quais nutria um mal disfarçado racismo, tendo sido um dos estudiosos que alimentou a lenda da “falta de imaginação semítica”, o que o levou a defender, entre outros disparates, que o *Livro das Mil e Uma Noites*, devido a essa falta de imaginação, não poderia ser senão fruto da cultura persa.

Irwin também lança mão de estratégias questionáveis ao se construir como orientalista. Primeiro, dá preferência à análise em detrimento das informações e dos dados a respeito do objeto. É o já velho complexo da originalidade, nutrido por muito orientalista: desejo de ser o Roland Barthes do arabismo; em geral, não funciona. Mas, pior que isso, Irwin constitui o seu campo de trabalho como um “jamais visto”, como uma área em torno da qual o interesse seria puramente acadêmico, sem nenhum atrativo fora dos muros da academia; é questionável. Discussões excessivamente técnicas, tais como o uso virtual da vírgula na fixação de textos sumérios ou outras desse naipe dificilmente suscitarão o interesse de alguém que não seja especialista, mas isso porque o assunto é árido, e não porque é oriental. Para constatar o fato, basta observar as (relativamente) boas recepção e vendagem de obras literárias e históricas sobre os árabes, ou obras árabes vertidas para línguas ocidentais.

A despeito disso tudo, reitera-se que não se trata aqui, obviamente, de defender os postulados da crítica de Said, o que significaria quase uma recusa ao conhecimento do Islã, e uma negação do trabalho de tanta gente séria, honesta e competente. Como em qualquer outra atividade humana, existem várias espécies de orientalista: bons, ruins, bem informados, mal informados, etc. Como questionamento ao lugar institucional de onde se fala, tampouco a crítica de Said pode ser considerada consistente, pois a academia, conforme o demonstra Irwin, não é homogênea, e, apesar de certa tendência à pasteurização, ainda oferece possibilidades de resistência. Tal como o lugar-comum médico que afirma não existir doença, mas sim doentes, tampouco existe orientalismo, mas orientalistas... Não, diria Machado, a comparação não presta.

## Bibliografia

Clemesha, Arlene (org.). Edward Said: trabalho intelectual e crítica social. São Paulo, Casa Amarela, 2005.

Irwin, Robert. Pelo amor ao saber. Rio de Janeiro, Record, 2008. Said, Edward. Orientalismo. São Paulo, Cia das Letras, 2007 (nova edição).

Lewis, Bernard. O que deu errado no Oriente Médio? Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. Os árabes na história. Lisboa, Estampa, 1982.

\_\_\_\_\_. Oriente Médio. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

Rodinson, Maxime. La fascinación del islam. Madrid, Ed. Un. de Júcar, 1989.